



Olá! A seguir, teremos textos verbais e não verbais que transmitem ideias sobre o exercício da cidadania — tema que se articula com o "Projeto Letramento Racial", criado em

2024 pelo corpo docente da escola, com o objetivo de desmistificar a naturalização do preconceito racial, além de assegurar a aplicabilidade das Leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08, as quais determinam o ensino da história da África e da cultura afro-brasileira nas escolas brasileiras. Desejo a todos uma ótima leitura e reflexão!

(Diretora Franciola Benitez Hoff)

AÇÕES PEDAGÓGICAS QUE FAZEM A DIFERENÇA



A professora Sônia Dias, para sua aula de Literatura e Produção nas turmas dos 1º anos, convidou a diretora adjunta Ana Chimenes, formada em letras como ela, para realizar uma explanação sobre literatura medieval e trabalhar as cantigas trovadorescas. Após apresentação através de slides, que exploraram imagens, sons e características literárias do trovadorismo, foi solicitado uma produção de cantiga satírica sobre o tema "Discriminação racial na escola". Segundo a diretora adjunta, "Trabalhar temas transversais nas aulas permitem que os estudantes compreendam melhor o mundo em que vivem, desenvolvam consciência crítica, respeitem a diversidade e se preparem para a vida cidadã. Assim, a aula fica mais atrativa, contribuindo para a formação integral dos discentes".



No dia 3 de junho de 2025, a professora de História Ludmila trabalhou as Leis nº 7.716/89 e nº 10.639/2003, que tratam do racismo e do ensino obrigatório da história e cultura afro-brasileira nas escolas. A turma que participou dessa aula foi a do 9º ano A do Ensino Fundamental. Os estudantes se posicionaram em círculo e, orientados pela professora, realizaram uma discussão sobre as referidas leis, refletindo sobre o comportamento da sociedade e, principalmente, dos próprios estudantes na escola em relação à discriminação racial.



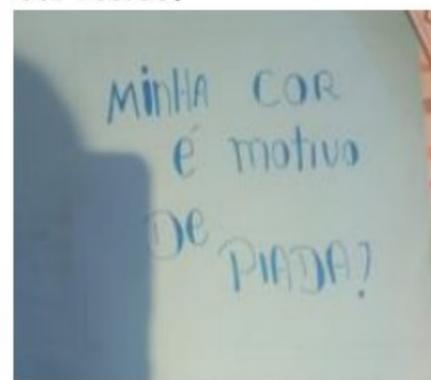
Aula de Apoio Orientação e Estudo

Prof.º Adalberto

Tema da aula: Discriminação Racial

Turma: 7º e 8º ano A - ensino fundamental

Ação: debate, exercícios e confecção de cartazes.



Aula de Língua Portuguesa

Prof.ª Marilei

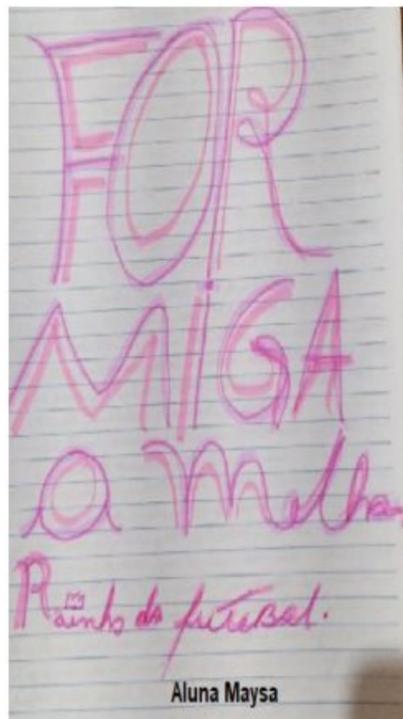
Turma: 6º e 7º anos A - ensino fundamental

Tema da aula: pessoas pretas que se destacaram no esporte e no cinema

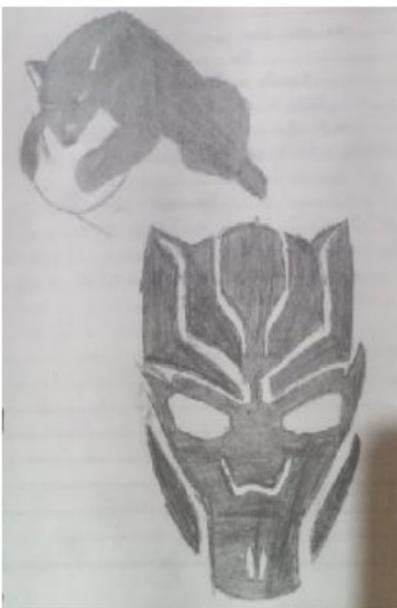
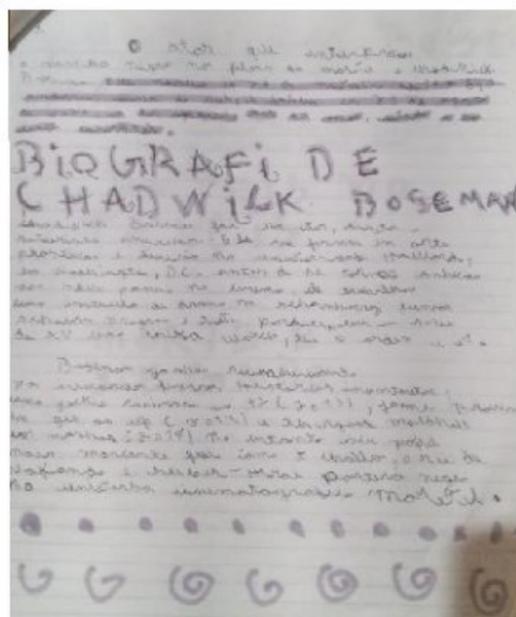
Ação: produção de texto - gênero bibliografia



Aluno Ravi



Aluna Maysa



Prof.ª Marilei

Turma: 8ºA - ensino fundamental

Tema da aula: cultura afro-brasileira

Ação: pesquisa sobre o Rap e o Funk

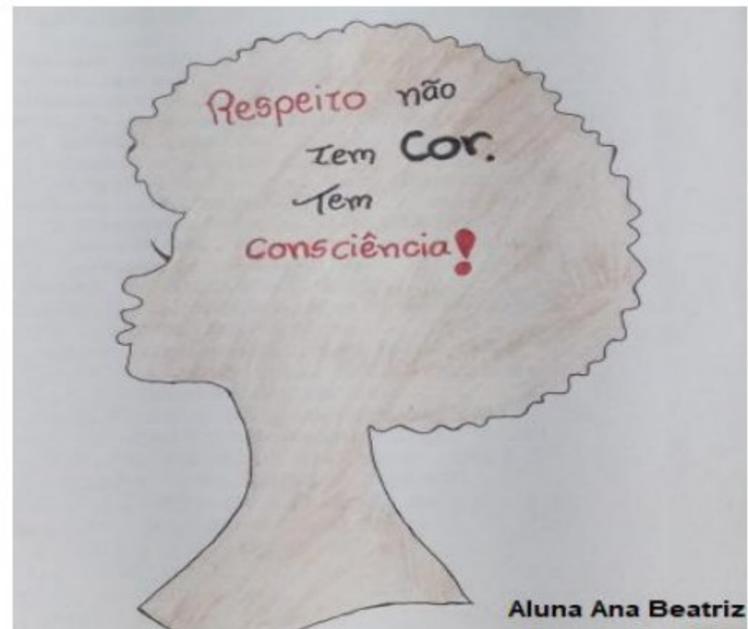


Prof.ª Marilei

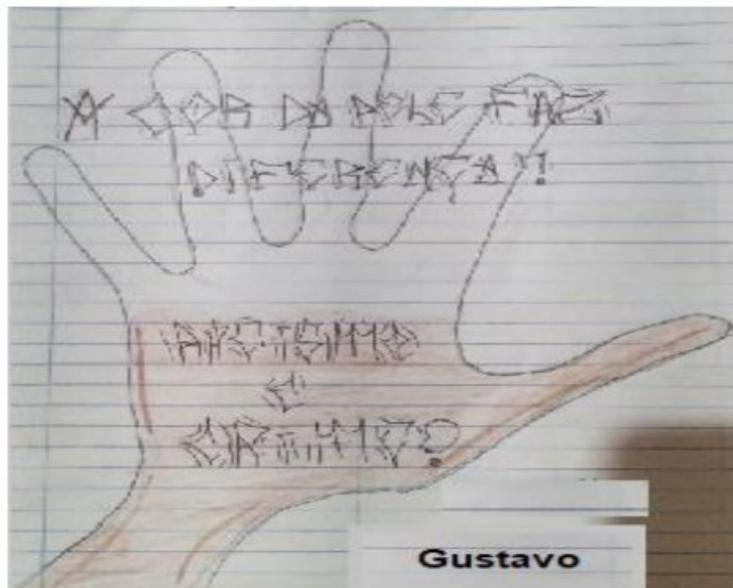
Turma: 9ºA - ensino fundamental

Tema da aula: Racismo

Ação: produção de texto - gênero anúncio publicitário



Aluna Ana Beatriz



Gustavo

O Projeto Letramento Racial é muito



importante para a comunidade escolar, pois conscientiza todos sobre o respeito. Com os trabalhos realizados nas turmas, o objetivo foi estudar a cultura afro-brasileira e através desse estudo compreender a importância da

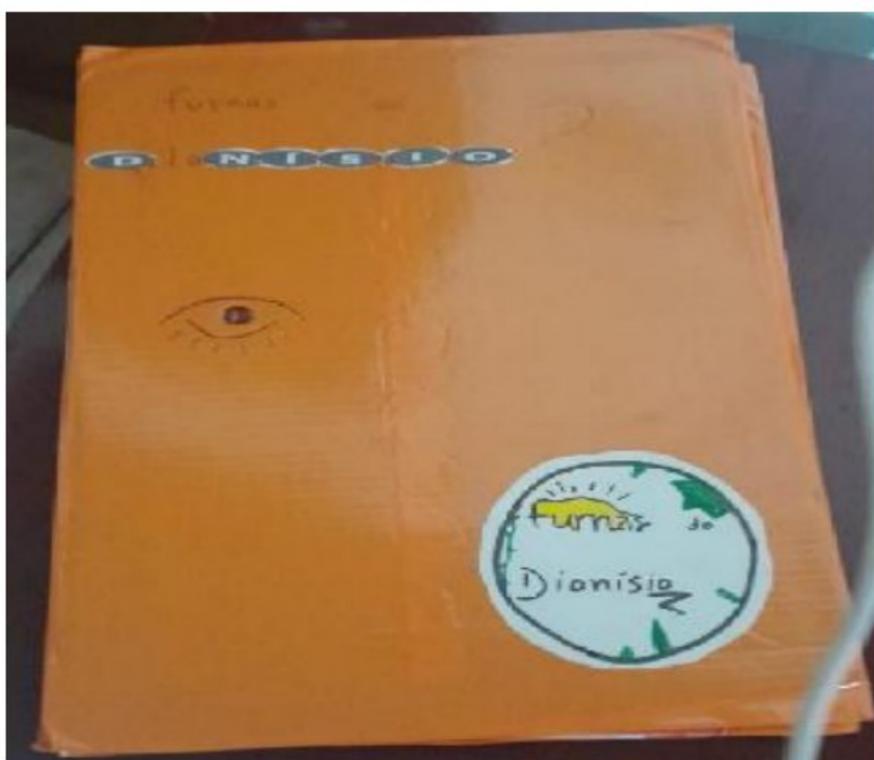
valorização das relações sociais e a influência delas na nossa conduta que deve ser de inclusão e não exclusão, afinal somos todos iguais enquanto espécie "homo sapiens" e diferentes quanto a ideais, personalidade, características físicas e psicológicas, mas nada que nos coloque como superiores a outro, isso de superioridade não existe. Prof.ª Marilei

Aula de Recomposição de Matemática



Em minhas aulas, os estudantes dos 1º anos do ensino médio, no componente curricular de Química, estudaram no 2º bimestre como é produzida a destilação da cana de açúcar para a produção da

pinga e como se produz a rapadura e o melaço. Em suas pesquisas descobriram que nas Furnas do Dionísio a comunidade produz sua própria cachaça, melaço, rapadura e hortifrúti. Então, estudamos sobre a Lei nº14.754 de 2023 que declara o dia 20 de novembro como o Dia da Consciência Negra e que é feriado nacional. Depois, realizaram pesquisa sobre os Quilombolas Furnas do Dionísio e Tia Eva. Finalizamos com uma entrevista on-line do Presidente do grupo de Quilombola da Tia Eva, Ronaldo. Os alunos fizeram várias perguntas ao Presidente. Foi bastante instrucional, informativo e interativo. (Profª Silvana)



Utilizando esse folder, retirado do site "Tudo Sala de Aula", a profª Shirley Mara trabalhou com a turma do 9º ano do Ensino Fundamental conhecimentos matemáticos mesclados com o tema "Dia da Consciência Negra". A professora disse que a atividade é muito criativa, pois trabalha uma resolução matemática, por exemplo, da expressão

$$\sqrt{169} - (4^3 - 8^2) + [(-2)^4 + 2] + 15^0 + (3^2 \times 2)$$

cujo resultado será a idade que Zumbi tinha quando ele faleceu. Assim, numa mesma atividade, trabalha-se língua portuguesa (gênero de texto folder, leitura e interpretação), matemática (expressões numéricas, reta, problemas matemáticos), história e geografia (cultura afro-brasileira, história no período da escravidão). Interessante esse tipo de dinâmica em sala de aula! É interdisciplinar e transversal. Um máximo!



Aula de Filosofia



O professor Albert, com as suas turmas do Ensino Médio trabalhou a temática do Projeto Letramento Racial através de três vídeos ("A diferença de riqueza entre brancos e negros" - *Explicando*, Temporada 1, Episódio 3 [Netflix]; "A Grande

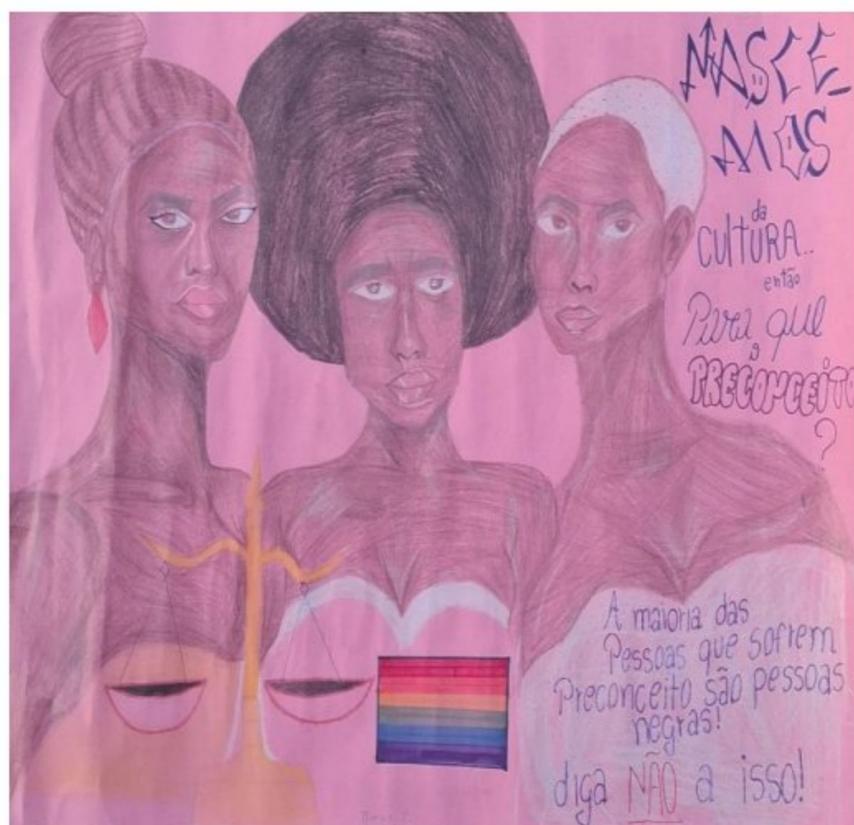
Vingança" - *Atlanta*, Temporada 3, Episódio 4; "Rich Wigga, Poor Wigga" - *Atlanta*, Temporada 3, Episódio 9) e a leitura de uma reportagem da BBC ("Os dilemas dos pardos, maior grupo étnico-racial do Brasil segundo Censo 2022"). Após uma reflexão sobre esse material, os alunos responderam ao seguinte questionário:

1. Se a categoria "pardo" representa quase metade da população brasileira, por que ela continua sendo tratada como uma identidade secundária ou "provisória"?
2. Será que incluir automaticamente os pardos na categoria "negro" para efeito de cotas e políticas públicas ignora experiências distintas de racismo e pertencimento?
3. O discurso da miscigenação brasileira é uma forma de celebrar a diversidade — ou uma estratégia histórica para esconder o racismo e evitar reparações reais?
4. Existe espaço, no debate racial brasileiro, para alguém afirmar uma identidade mestiça sem ser pressionado a se encaixar no rótulo de branco ou negro?

Por fim, realizou-se uma discussão sobre 'O cancelamento de palavras e a proliferação das falsas etimologias', pois, segundo o professor Albert "Nos últimos anos, discussões sobre racismo linguístico e o uso de palavras com origem discriminatória ganharam destaque. Expressões como 'denegrir', 'feito nas coxas' ou 'mulata' passaram a ser questionadas — algumas com justificativa histórica, outras baseadas em falsas etimologias que se espalham sem verificação. Em meio ao avanço do letramento racial, surge também o risco de se combater o racismo com informações imprecisas". Dessa forma, evidenciaram-se aulas atrativas e proveitosas que trabalharam além de um tema transversal, habilidades como analisar situações da

vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais (MS.EM13CHS502) e o preconceito e tentativa de fundamentação da eugenia: conceitos de preconceito, racismo e discriminação; diferenças teórico- práticas entre etnocentrismo e eugenia (MS.EM13CHS601). Aulas assim, fazem toda a diferença.

Artista ANZ



Trabalhando o tema do Projeto Letramento Racial, a estudante Monique Emanuely Lopes da Silva, da turma 2º ano C, noturno, produziu essa arte fantástica. Ficou show!!! Parabéns à estudante!!!

Em dia com o ENEM

A professora de Língua Portuguesa dos 3º anos do período matutino é a Sra. Jackeline da Silva Pinto. A professora em uma de suas aulas trabalhou com o tema "Discriminação Racial" que foi muito bem descrito pela estudante Vitória Ribeiro Ramalho da turma do 3º ano B, seguindo os critérios de uma dissertação argumentativa, veja na foto a seguir:

Discriminação Racial

Conforme Angela Davis, professora, filósofa e ativista socialista aborda que: "Em uma sociedade racista, não basta não ser racista, é necessário ser antirracista." Isso posto, percebe-se que algo deve ser feito para diminuir uma problemática. Ademais, constata-se que perdura dois problemas basicamente: Preconceito e violência.

No âmbito de racismo, é fundamental a construção de uma sociedade sem julgamentos, porém, tal possibilidade é difícil de ser alcançada, uma vez que esta conecta com o pensamento humano, ideias de forma racista. Dito isto, todos podem contribuir para uma sociedade livre de discriminação, buscando mudar esse contexto racial.

Sob esse viés, aqueles que se sentem prejudicados na atual sociedade, necessitam, urgentemente, mudar esse quadro. Logo visto, o que diz Sueli Carneiro, escritora e ativista antirracista do movimento negro: "A violência racial nos impulsiona a sermos agentes civilizatórios". Desta maneira, as diferenças raciais se perpetuam, ou seja, dificulta a masculinidade racial em melhorar suas condições de vida.

Portanto, cabe ao poder público, implementar políticas públicas para promover igualdade racial, tais como: programas de desenvolvimento econômico, criação de projetos educativos, por meio de ações afirmativas, visando garantir a participação dos grupos raciais excluídos. Por fim, acabar com a ambivalência e rejeição, em relação a restrições de direitos ou oportunidades. Em suma, tornar uma sociedade mais justa, igualitária e pacífica.

Aluna: Vitória Ribeiro Ramalho 3ºB

Letramento racial: por que precisamos falar sobre isso na escola?

Por Marcos Alexandre de Souza Campos - Professor de História e coordenador pedagógico do Ensino Médio Matutino. Gênero de texto Artigo de Opinião.

A escola é, acima de tudo, um lugar de formação. Mas essa formação só faz sentido quando reconhece a diversidade de histórias, culturas e identidades que compõem o nosso país. Por muitos anos, o ensino escolar no Brasil foi moldado por uma visão eurocêntrica: aquela que coloca a Europa no centro de tudo e relega os demais povos - especialmente os africanos e indígenas - a um papel secundário. Isso precisa mudar. E a mudança já começou.

Nos últimos anos, leis como a 10.639/2003 e a 11.645/2008 tornaram obrigatório o ensino da história e da cultura afro-brasileira e indígena nas escolas. Mas a transformação não acontece apenas por decreto. Ela exige um compromisso cotidiano, principalmente de nós, professores, que buscamos construir aulas mais inclusivas, mais justas e mais próximas da realidade dos nossos estudantes.

Falar sobre letramento racial é justamente isso: ensinar e aprender a perceber o racismo, entender suas raízes históricas e, principalmente, desenvolver a capacidade de enfrentá-lo. Isso se dá, por exemplo, quando estudamos o papel das populações negras na construção do Brasil, reconhecemos suas formas de resistência, valorizamos suas expressões culturais e colocamos essas experiências no centro do currículo, e não à margem.

Mas esse processo não é simples. Muitos professores e escolas ainda enfrentam dificuldades - por medo de tocar em temas considerados "polêmicos", por receio de serem mal interpretados ou por falta de preparo e apoio institucional. Às vezes, há até tentativas de reduzir a cultura afro-brasileira a estereótipos ou folclore, o que enfraquece seu valor real.

Superar tudo isso exige diálogo - com os estudantes, com as famílias, com a comunidade escolar. E mais: exige uma mudança de postura. É preciso entender que trabalhar essas temáticas não é fazer "militância" ou "doutrinação", como se

Escritores ANZ

A seguir textos escritos por servidores da E. E. Prof.^a Alice Nunes Zampiere. Uma oportunidade de conhecer o dom da palavra desses profissionais que têm muito a nos ensinar e que por vezes pela rotina diária não conhecemos bem a criatividade, a destreza, a força, o conhecimento e o talento deles. Boa Leitura!

ouve por aí. É garantir o direito à história. É cumprir o dever de memória.

Esse direito e esse dever não dizem respeito apenas ao passado. Dizem respeito ao presente e ao futuro. Quando reconhecemos as lutas e conquistas do povo negro, estamos afirmando valores fundamentais para a democracia: a igualdade, o respeito, a dignidade, a cidadania.

É por isso que o letramento racial precisa estar nas escolas. Porque é com consciência e conhecimento que a gente combate o preconceito. E é com coragem e compromisso que a gente constrói um Brasil mais justo.



"O mundo não tem cor"

Pela Professora Crislaine Gimenes - Coordenadora de área de Linguagens do Ensino Fundamental. Gênero textual Poema

Que cor o mundo tem?
Verde, azul, marrom, amarelo, preto, branco...
Cores infinitas que se perdem na vista de quem vê!
Então eu pergunto o porquê...
Por que de tanta maldade com a cor da pele?
Por que discriminação e humilhação?
Por que ainda, a humanidade tem maldade no coração?
Se o mundo é tão colorido, deveria ser mais unido.
No FIM, todos nós somos iguais
Não tem raça, não tem cor...
O que realmente precisamos é apenas de AMOR!



Foto: livrofilosofarte.blogspot.com

"Diversidade na igualdade"



Pela Professora Ana Carla Barbosa Chimenes - diretora adjunta. Gênero de texto História em Quadrinho (HQ) (Texto original escrito da prof.ª Ana Carla / imagens do ChatGPT)





"Morena"

por Profª Layne Victória.
Gênero de texto crônica.

A primeira vez que tirei um documento oficial foi aos doze anos, num desses mutirões que vão até os bairros mais vulneráveis da cidade e emitem documentos de graça, além de oferecerem corte de cabelo, exame de pressão, etc. Tudo ali, num só lugar. A ideia é linda, mas o que ninguém conta são as filas que parecem não acabar nunca. Filas que despertam uma fome de três cachorrinhos caramelos e um tédio tão profundo que a gente quase entende o impulso das crianças de colocar o dedo na tomada.

Naquela época, o celular como conhecemos não existia e o tédio não podia ser facilmente vencido. E, mesmo que existisse do jeito que existe hoje, uma garota que passa o sábado com fome numa enorme fila para conseguir algo de graça certamente não teria um. Depois de horas e horas, minha mãe e eu saímos de lá com meu primeiro registro de identificação nas mãos. Um documento oficial. Eu agora era "alguém".

Minha mãe, toda orgulhosa, fez questão de anunciar à família o feito: eu estava registrada com a cor/raça "amarela".

— Amarela? Então eu sou amarela?! — me perguntei, confusa. Mas o que realmente me intrigava era o brilho nos olhos dela ao contar aquilo. Por que tanta satisfação?

Hoje, adulta, sei que "amarela" é a forma oficial de identificar pessoas asiáticas. Mas, por muitos anos, essa palavra ecoou dentro de mim. Por que ser amarela seria melhor do que ser preta? Na infância, eu não sabia responder. Hoje, sei. Esse "amarela" vem do mesmo lugar de onde vem o "morena" que escuto com frequência em padarias e conveniências.

— Bom dia, morena! O que vai ser hoje?

A vida toda, fomos ensinados que quanto menos preto, melhor. Por isso se inventaram os tons: marrom, pardo, moreno, bege — uma paleta toda pensada para diluir o preto. O "moreno", afinal, está mais próximo do branco do que do preto. Ou, no mínimo, é menos preto.

E eu, como sempre, não perco a chance de corrigir:

— Morena, não! Eu sou preta mesmo! — A resposta geralmente vem com um nariz torcido ou um meio sorriso, daqueles que escondem constrangimento.

Por mais que essa história pareça um detalhe, ela revela muito sobre nós. Um espelho de uma sociedade doente, marcada por um racismo tão estrutural que muita gente ainda tem medo de chamar alguém de preto. "Preto", para muitos, ainda é sinônimo de algo negativo. E há, de fato, quem se ofenda com a palavra — e, dependendo do tom, do contexto e da intenção, é mesmo uma ofensa.

Um dia, meu irmão me perguntou:

— Você não acha ruim quando alguém te chama de preta ou negra?

Respondi com calma:

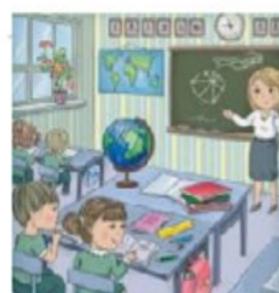
— Só se você achar que ser preto é ruim.

Naquele dia, ele entendeu. E eu também.

Demorei anos para reconhecer e amar meus traços negros. Para olhar no espelho e enxergar beleza naquilo que, durante muito tempo, me ensinaram a esconder. Mas aprendi. Aprendi a ter orgulho da minha ancestralidade e do meu lugar no mundo como mulher negra.

E você? Já se perguntou de onde vem a sua cor?

Produção de mural pela turma do 5º ano A



"Assim como é de cedo que se torce o pepino, também é trabalhando a criança que se consegue boa safra de adultos."

(MONTEIRO LOBATO)

COMO OS PROBLEMAS AMBIENTAIS ESTÃO LIGADOS ÀS QUESTÕES SOCIAIS

As mudanças climáticas têm impacto desigual na sociedade. Grupos como moradores de periferias, negros, indígenas e os mais pobres sofrem mais diretamente, devido à falta de moradia segura, saneamento básico e acesso à saúde. Dados de desastres climáticos mostram que esses grupos são os mais atingidos por eventos extremo.



Os problemas ambientais estão ligados às questões sociais, pois as mudanças climáticas afetam de forma desigual os grupos humanos. Refletir sobre isso é essencial para buscar uma sociedade mais justa, onde todos — especialmente povos indígenas e quilombolas — tenham o direito de viver com saúde e dignidade.



Ilustração do mundo em relação aos desastres climáticos causado

curiosidades

1. Segundo a ONU (2022), mais de 90% das vítimas de desastres climáticos no mundo vivem em países em desenvolvimento.
2. Um levantamento do IBGE (2021) mostra que a maioria da população que vive em áreas de risco no Brasil é preta, parda ou pobre.
3. O relatório do IPCC (2022) sobre mudanças climáticas alerta que comunidades periféricas, indígenas e tradicionais são as mais vulneráveis às alterações do clima.
4. Estudo da FEUSP (2023) apontou que bairros periféricos têm até 5°C a mais de temperatura média do que bairros nobres, devido à falta de áreas verdes e ao excesso de concreto.

Biologia

Aluno: Gabriel 2ºC

Professora: Tatiane

IMPACTOS DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS NAS POPULAÇÕES VULNERÁVEIS



Imagem ilustrada referente ao mundo

Pesquisas recentes indicam que as mudanças climáticas estão entre os maiores e mais urgentes desafios ambientais e sociais enfrentados pela humanidade no século XXI. Essas mudanças são provocadas, em grande parte, pela queima excessiva de combustíveis fósseis, como petróleo, carvão e gás natural, pelo desmatamento de florestas e pelas atividades industriais que emitem grandes quantidades de gases poluentes na atmosfera.

Curiosidades

- Mais de 80% das vítimas de desastres climáticos no mundo vivem em países em desenvolvimento
- Um levantamento do IBGE (2021) mostra que a maioria da população que vive em áreas de risco no Brasil é negra ou parda. O Painel IPCC alertou que as comunidades indígenas estão entre as mais vulneráveis às mudanças no clima. Isso acontece porque essas populações historicamente marginalizadas enfrentam dificuldades relacionadas ao acesso à moradia segura, saneamento básico, alimentação de qualidade e serviços de saúde. Além disso, um estudo da FGV (2023) apontou que bairros periféricos têm até 5°C a mais de temperatura média do que bairros nobres, devido à ausência de áreas verdes e ao excesso de concreto.
- O painel IPCC alertou que as comunidades indígenas são as mais vulneráveis, acontece porque essas populações historicamente enfrentam desigualdades sociais e econômicas, como falta de acesso à moradia adequada, saneamento básico, alimentação de qualidade e serviços de saúde. Além disso, vivem em áreas mais expostas a riscos climáticos, como enchentes e secas.

BIOLOGIA

Alunos: vicenzo e Monique

professora: Tatiane

Julho de 2025

Aula de história

Prof.^a Ceila

Tema da aula: Letramento Racial

Turma: 5º ano A

Ação: Os estudantes estudaram a biografia da Sr.^a Alice Nunes Zampiere, nome dado a nossa escola estadual. Depois fizeram releitura de uma foto da Sr.^a Alice. Por fim estudaram a lei do Racismo e como ela deveria acontecer e acontece hodiernamente na escola, na vida social dos alunos.

Palavra amiga



Responsáveis pela produção do Jornal ANZ

Diretor Geral - Franciola Benitez Hoff.

Editor - Ana Carla Barbosa Chimenes.

Revisor - Laynne Victória dos Santos Feitosa Lima.

Impressão e ajustes midiáticos - Fernanda Isabela Pontes Silva e Rosa e Ana Flavia Tomaz da Costa.

Colaboradores - Adalberto dos Santos, Ana Paula Grangeiro da Costa Oliveira, Carla Arce Zanetti, Ceila de Souza Maciel e Souza, Crislaine Gimenes da Conceição, Lucas Henrique de Ferreira Santos, Marcos Alexandre de Souza Campos, Nathalia Silva Esteves, Silvana Maria Amaria Balsan, Albert Miranda, Jackeline da Silva Pinto, Ludmila Batista dos Santos, Sônia Gonçalves Batista Dias, Tatiane Auxiliadora Ribeiro Rodrigues, estudantes do ensino médio regular matutino, do ensino médio profissionalizante noturno e do ensino fundamental integral.

Equipe Colegiada da comunidade escolar ANZ

Associação de Pais e Mestres

Presidente: Tony Angelo Martins

Colegiado Escolar

Presidente: Carla Arce Zanetti

Representantes dos Professores: Ludmila Batista dos Santos

Representante dos Coordenadores: Ana Paula Grangeiro da Costa Oliveira

Representante dos Pais: Ledir Teresinha Baumgartner

Representante dos Administrativos: Carla Arce Zanetti

Grêmio Estudantil

Presidente: Saulo Henrique, 2º ano B

Vice-Presidente: Monique Emanuely, 2º ano C

Secretário Geral: Vincenzo Delovo, 2º ano C

1º secretário: Isabelly Vitória, 1º ano C

Tesoureiros: Rafael Pereira, 3º ano C; Yasmin Gabriela, 9º ano A.

Diretor Pedagógico: Edson Vitor, 3º ano C

Suplente Pedagógico: Lívia de Paula, 1º ano B

Diretoria de Imprensa: Ana Flavia Tomaz da Costa

Suplente de diretoria de imprensa: Gabrielle dos Santos Fonseca, 9º ano A

Diretoria Social e Cultural: Sara de Souza Pereira

Suplente de Diretoria Social e Cultural: Maria Eduarda, 2º ano C

Palavra Amiga

"O Alice, com certeza, há de crescer imensamente. Com tanto carinho e dedicação de sua equipe, a escola certamente colherá seus frutos de melhorar e transformar a vida de milhares de alunos. É um privilégio fazer parte dessa história." (Carla Arce Zanetti, presidente do colegiado escolar)

